

[FERNANDO HAGE]

Mestre em Moda, Cultura e Arte pelo Centro Universitário Senac (SP), atua como professor e pesquisador na Universidade da Amazônia. Participou da publicação *História e cultura de moda* (2011). É um dos coordenadores do Projeto Caixa de Criadores em Belém do Pará, uma das iniciativas vencedoras do Prêmio Economia Criativa – MinC (2012).

E-mail: fernandohage@gmail.com

Vestuário e história pelas ruas de Belém

Clothing and history on the streets of Belém

[94]

[resumo] Este artigo propõe um percurso histórico pela formação da cidade de Belém do Pará, particularmente pelos modos de vestir de seus habitantes entre os anos 1600 e primórdios dos anos 1900; uma homenagem ao livro *Três séculos de modas*, lançado em 1923, por João Affonso nessa cidade, um espaço urbano que se tornou um centro irradiador e receptor das culturas que atravessaram a Amazônia.

[palavras-chave]

história; vestuário; Belém; Amazônia.

[abstract] This paper aims to conduct a historical route through the creation of Belém, Pará, Brazil, focusing particularly the way inhabitants dressed during three centuries (XVII-XX); a "homage" to the book *Três séculos de moda*, released in 1923 by João Affonso in this city, an urban space that became a radiator center and a culture receiver in Amazon.

[key words] history; clothing; Belém; Amazon.

Ao longo de quase quatrocentos anos, a antiga Santa Maria de Belém do Grão-Pará, assim como outras capitais do país, se estabeleceu como um espaço de interação entre universos distintos. O contato entre colonizadores e índios, cidade e floresta, terra e rios, negros e europeus, abriu precedentes para trocas materiais e simbólicas que formaram sua cultura.

No universo do vestuário, essas trocas e intersecções são um modo de compreender um interessante panorama desses espaços em construção, uma história que se captura pelas ruas, por meio das mais diferentes "imagens", sejam elas textuais ou visuais.

Segundo Lynch (1980, p. 57), "parece haver uma imagem pública de qualquer cidade que é a sobreposição de imagens de muitos indivíduos", criadas na literatura, na imprensa, nas artes e na oralidade. Aqui neste artigo, muitas imagens deixadas por viajantes nos ajudarão a reconstruir alguns percursos do vestuário pelas ruas de Belém, reconstituindo também um pouco dessa cidade que, desde seu nascimento, é um importante ponto de confluências entre diversas culturas.

Fundada pelos portugueses em 1616 em uma posição estratégica na Baía do Guajará, a região já havia recebido visitas de espanhóis, franceses, holandeses e ingleses, mas a chegada dos colonos portugueses, junto às missões religiosas, foi o que transformou a Capitania do Grão-Pará. O processo de colonização e, por conseguinte, de evangelização das sociedades tribais que viviam na área foi demasiadamente complexo para ser tratado aqui, mas merece atenção em sua relação com o desenvolvimento da cidade.

A cidade de Belém começou a se organizar uma década após a fixação de seu forte, sendo dividida em dois núcleos: a Cidade, por onde surgiram as primeiras ruas, e a Campina, "por ser o campo ou subúrbio do núcleo primeiro povoado" (BARATA, 1915, p. 119). É na Campina que, em 1626, foi aberto um caminho pelos capuchos de Santo Antônio que deu origem à Rua da Cadeia, depois conhecida como Ruas dos Mercadores. Esse perímetro posteriormente se estabeleceu como região comercial da cidade, principalmente pela instalação da Alfândega da cidade, que ficaria conhecida como Haver do Peso, posteriormente Ver-O-Peso, maior mercado livre da América Latina e retrato vivo das trocas que se consolidaram entre cidade e floresta na Amazônia.

Sem a concretização do "sonho das minas fabulosas e dos tesouros fantásticos" (CRUZ, 1973, p. 41), que moveu os colonizadores portugueses ao "Eldorado", a extração e o comércio de insumos naturais foi a saída para a exploração da região, e para isso foi necessário o conhecimento ancestral indígena. Essa complexa relação fez do índio o detentor do conhecimento para com a floresta e, ao mesmo tempo, o escravo ou empregado (pago irrisoriamente) do colono português, e mais à frente, de missões religiosas, principalmente a dos jesuítas no século XVIII.

As missões dos padres jesuítas começaram a se estabelecer na região a partir da década de 1650, chegando a explorar um século depois o trabalho de cerca de 50.000 índios. Foram os maiores exportadores do período. Ao passar pela cidade em 1654, o Padre Antônio Vieira compôs um dos primeiros relatos sobre o modo de vestir dos habitantes da região: "de um lado para o outro vagueavam os índios quase nus, os brancos e mestiços vestidos de algodão grosseiro da terra, de um alvamento sujo, ou então tinto da cor avermelhada de muruxi" (citado por COIMBRA, 2002, p. 152).

O algodão, fibra encontrada na região que era utilizada pelas sociedades tribais para fabricação de redes, faixas e revestimentos de pontas de flechas, com a chegada dos portugueses, ganhou uma nova dimensão. Os portugueses trouxeram "o descarçador, a roca, a roda de fiar e o tear, com os quais faziam panos de algodão para o seu consumo" (BRAGA; PRADO, 2011, p. 25), que se tornaram não só a matéria-prima principal do vestuário, mas também moeda de troca na região.

As moedas metálicas começaram a circular na cidade de Belém somente em 1750; até então, eram os panos de algodão que cumpriam essa função, denotando sua alta circulação e as relações de trabalho que se estabeleciam em torno dessa produção.

Segundo Coimbra (2002, p. 196), na década de 1660, "homens notáveis usavam pano de algodão". De acordo com escritos de 1694 de João Felipe Bettendorf (citado

por COIMBRA, 2002), alguns dos índios que trabalhavam para os colonos eram responsáveis por tecer, lavar e engomar as roupas, além de bordar enfeites.

A partir do século XVIII, a Coroa Portuguesa, na figura de Marques de Pombal, decidiu intensificar sua atuação na região amazônica, instituindo, em 1751, o Estado do Grão-Pará e Maranhão com capital em Belém. Esse centro administrativo mantinha vínculo direto com Portugal e pouca relação com o Estado do Brasil.

As principais mudanças trazidas pelo Marquês de Pombal foram, em primeiro lugar, a aplicação da "política indigenista", que retirou os jesuítas do centro de poder, libertando os índios e instituindo um novo escravo: o negro. Pombal criou decretos e códigos de conduta que visavam inserir os indígenas dentro da sociedade por meio do estímulo ao casamento entre brancos e índios, recomendando que os "mesmos deveriam ser convencidos de abandonarem o hábito da nudez" (COIMBRA, 2002, p. 279), como uma forma de fazê-los aderir ao colonizador, ampliando, assim, o poder da própria Coroa Portuguesa na Amazônia.

O Marquês de Pombal instalou a Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, que cuidava da exportação de matéria-prima, do comércio de escravos e, também, de um interessante investimento na manufatura de navios. Assim, novas configurações sociais e econômicas se estabeleceram na cidade de Belém, que no final do século XVIII tinha mais de 10.000 habitantes e cerca de 1.000 residências.

Segundo Cruz (1973, p. 31), a vida religiosa em Belém era intensa durante esse período, mas "a vida social não tinha a expressão que merecesse o registro dos cronistas", pois os moradores da cidade ainda se trancavam em suas casas, com janelas protegidas por "urupemas", tipo de trançado feito de palha, ou panos de algodão.

Ainda de acordo com o autor, "as diversões ficavam à disposição dos moradores", e, em alguns momentos, eram formados cortejos com a chegada de Bispos e autoridades, "que servia para desfazer o tédio da população ao menos por aquele dia" (CRUZ, 1973, p. 212-213).

Com uma vida religiosa intensa, o ato de ir à missa e os cortejos religiosos acabavam sendo momentos importantes do cotidiano da pequena cidade. Segundo relato de Alexandre Rodrigues Ferreira (citado por CRUZ, 1973), ao final do século XVIII, as mulheres iam à missa de manto e vestido de seda, carregadas em redes por dois negros, e acompanhadas por mulheres índias e negras.

Em 1793, graças a essa importância da religião na vida dos habitantes da capital do Grão-Pará e Maranhão, começou a ser organizado o Círio de Nazaré, um conjunto de cortejos para Nossa Senhora de Nazaré do Desterro, aliados ao estabelecimento de um arraial em torno de sua Ermida. Entre setembro e outubro, a cidade de Belém começou a ganhar um espírito agitado, de celebração, que até hoje se mantém, fazendo do Círio a principal festividade religiosa dentro da capital paraense e do estado.

A partir do início do século XIX, Belém passou por diversas mudanças com o processo de independência do Brasil, ao qual o Pará aderiu somente em 1823, devido às distâncias ideológicas e geográficas. Após a adesão, divergências e conflitos acabariam por tomar corpo como a Cabanagem, que colocou a cidade de Belém em guerra durante a década de 1830.

Esse período, para o historiador Coelho (2012, p. 16), gerou a transição das "antigas estruturas da ordem colonial para tempos que se anunciavam, chegada a primeira metade do século XIX, à inserção da Amazônia numa nova ordem, política e econômica".

E como seria a cidade de Belém que estava prestes a mudar? O viajante americano Edwards, que chegou a Belém em 1847, nos retrata um panorama dessa cidade que abre as portas para a Amazônia.

A maré estava baixa, e, para a conveniência dos navios, fomos obrigados a atracar no mercado local, o *Punto de Pedras*, um cais longo e estreito. Seria impossível conceber um quadro mais absolutamente novo que aqui se abateu sobre nós. Foi uma introdução, de uma só vez, de metade do que foi curioso na cidade. (...) Soldados vestidos estranhamente se misturam entre a multidão; funcionários procuram curiosos por produtos não tributados; marinheiros, a partir de navios no porto, desembarcam constantemente; senhores da cidade descem para o

seu passeio matinal, belas garotas indianas aparecem como visões, e dezenas de meninos e meninas, em toda a liberdade de nudez, lidam com um número igual de cabras descaradas pelo privilégio de passar por cima de você. (...) Em todos os lugares, e em grande número, estão os vendedores de frutas; e por quase nada: todas as luxúrias deste clima fruto-prolífico são suas. Belos *bouquets* de flores convidam um comprador, e agora, pela primeira vez, você observa a aparência singular e de bom gosto das mulheres, cada uma vestida de branco, e com uma flor em seu cabelo, e você lembra que esse é um dia festivo (EDWARDS, 1847, p. 5-6).

Edwards, que aportou em Belém num dia de festividade religiosa, cita que o cortejo passava pela Rua da Cadeia, segundo o autor, "a Broadway do Pará", pela importância comercial e social dentro do contexto da cidade, e que, nesse momento de procissão, tinham as varandas das casas de comércio e residência "preenchidas com senhoras alegremente vestidas" (EDWARDS, 1847, p. 8).

Uma das formas de captar o crescimento de Belém no século XIX é por meio da análise da relação entre religião, comércio e modos de vestir dos habitantes da cidade, afinal a história de datas comemorativas, como o Círio de Nazaré, se mistura com a história do comércio de Belém e de suas ruas.

Esse clima de festividade relacionado à celebração religiosa faz com que o ato de vestir-se bem durante o Círio e outras procissões religiosas fosse um ato de afirmação social, perseguido, segundo relatos de historiadores e viajantes a partir do século XIX, por toda a população que participava desse momento religioso.

As procissões, ao longo do tempo, já tiveram os mais diversos percursos, mas nas primeiras décadas de realização passavam por dois endereços comerciais e residenciais de mais destaque na cidade: a Rua dos Mercadores (antiga Rua da Cadeia) e a Rua Santo Antônio, antigo caminho aberto pelos padres capuchos, que se torna espaço de novidades e elegância (MONTARROYOS, 1992).

Em 1843, no jornal *Treze de Maio*, é publicada uma nota divulgando o seguinte traje masculino para a Festa de Nazaré: "calça de casemira cor flor de alecrim, sobrecasaca verde, colete de grodenaple branco com flores de cor, Brudequins de duraque gaspeados, Chapéu de Chili [Chile]" (MONTARROYOS, 1992, p. 74).

Outro viajante, Warren (1851, p. 67), cita que comumente "as mulheres fazem uso de roupas não mais do que o absolutamente necessário", e "os homens, em ocasiões normais, usam calças brancas e sobrecasacas ou blusas do mesmo material". Era no momento de festividades que o esmero em se vestir bem tomava conta de muitos habitantes, e isso não era exclusividade das classes mais abastadas, como coloca Warren (1851, p. 69).

Os pobres gastam tudo o que eles acumularam em meses de trabalho incansável, para comprar vestidos de gala e ornamentos. Uma intensa excitação prevalece entre todas as classes, que somente aqueles que realmente testemunharam isso podem possivelmente entender.

A importância dada ao vestir-se para as procissões era tanta que, em 1854, o cortejo do Círio, até então realizado à tarde e, portanto, passível de acontecer debaixo da já conhecida chuva vespertina belenense, começou a ser realizado pela manhã, pois esses contratemplos "estragavam os orçamentos da festa e ofuscavam a elegância das mulheres" – como anuncia comunicado dos organizadores (MONTARROYOS, 1992, p. 61).

Como se percebe, a sociedade paraense da primeira metade do século XIX já vivia outro cenário econômico e social, muito mais movimentado e mais atento aos produtos de origem europeia, como as sedas italianas *Gros de Naples* e as botas *Brudequins*, todos termos europeizados na moda francesa.

Se o fenômeno da moda no século XVIII ainda poderia parecer uma realidade distante da sociedade paraense, podemos dizer que no século XIX esse quadro começou a mudar, seguido pelo desenvolvimento econômico e por mudanças dentro do próprio espaço urbano.

Como um reflexo das ações da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão no século XIX, o Pará passou a produzir artesanalmente objetos de selaria, chapéus, artefatos de couro, de borracha, de madeira e farinha, entre outros.

A borracha, matéria-prima que dinamizou a economia da região a partir da invenção de Goodyear – o processo de vulcanização – já circulava muito antes pelos portos de Belém, como em 1797, quando foi registrada a exportação de 2.250 mochilas militares revestidas de borracha, remetidas a Lisboa, e no século XIX, com a produção de calçados – em 1840, era de 47 mil pares, dez anos depois, alcançaram 138 mil, exportados para Nova Iorque, Hamburgo, Boston, Washington e Maranhão. Todavia, a partir de 1855, ambas perderam fôlego para a exportação, sem beneficiamento (MOURÃO, 1989).

O ciclo extrativista que priorizou a exportação da matéria-prima bruta, que aumentou ano após ano, ao mesmo tempo, no sentido contrário, tornou a Região Amazônica um grande importador dos produtos europeus, entrando realmente no século XIX em um processo de “fantasia de identificação européia”, esclarece Needell (1988).

No ano de 1848, as descrições do viajante Wallace nos dão um panorama do vestuário dos habitantes de Belém, nesse início do processo de transformação.

Os brancos, via de regra, trajam-se com capricho, usando roupas de linho imaculadamente limpas. Alguns não dispensam as casacas pretas e gravatas, por certo desconfortabilíssimas quando o termômetro marca 85 ou 90 graus à sombra [29,4° e 32,2° C]... A roupa dos negros e índios adultos consiste apenas de calças de algodão branco ou listrado, às vezes complementadas com uma camisa de mesmo pano. As mulheres e as moças, nas ocasiões de festa, vestem-se inteiramente de branco, causando um agradável efeito o contraste das roupas com suas lustrosas peles negras ou acobreadas. O estrangeiro fica espantado ao ver as pulseiras e outros ornamentos de ouro maciço que essas mulheres usam, especialmente porquanto, muitas delas são escravas. Quanto às crianças, são vistas em todas as gradações do vestuário, inclusive a completa nudez, que é a condição normal da população masculina infantil de menos de 8 ou 10 anos (WALLACE, 1979, p. 20).

[98]

Nos anúncios para o Círio de Nazaré relatados por Montarroyos (1992, p. 122), vemos à venda, em 1861, na ainda chamada Rua da Cadeia, “penteados de casco à rainha vitória”, chapéus de “Palha da Itália (nova moda)”, e “chapéus modernos e Tamberlick”. Em 1877, na já anunciada como Rua dos Mercadores, podiam ser encontrados na Chapelaria Paraense exemplares de palmeira, de junco, de palha de trança, assim como modelos de pelo, de seda, e de feltro, estes da “penúltima moda”, a preços reduzidos para agradar a todos os bolsos.

Pelos anúncios, observamos que a “nova moda” e a “penúltima moda” já demonstravam como esse fenômeno cíclico de consumo começava a ganhar proporções que fizeram muitas mulheres abandonar seus trajes brancos com flores no cabelo, como os relatados por Edwards (1847) e Wallace (1979), em troca das últimas ou penúltimas novidades da moda europeia.

Segundo a historiadora Sarges (2002, p. 31), “o período de 1870 a 1912 é o marco inicial da modernidade em Belém”, conhecido como *Belle Époque* Amazônica. Em linhas gerais, foi o momento em que a economia extrativista da borracha gerou riquezas que possibilitaram um investimento em uma “infraestrutura material e intelectual” dos envolvidos nesse processo, e de muitos aventureiros, das mais variadas origens, que se mudaram para a região em busca desse novo “Eldorado”.

Não era mais só as missas, procissões religiosas e o arraial de Nazaré o que movimentava a vida social e o comércio de itens da moda, mas também as idas aos teatros, como o Teatro da Paz, inaugurado em 1878, onde ocorriam os bailes de carnaval da elite da cidade; as idas aos cafés e os encontros intelectuais em livrarias, como a Livraria Universal da Rua João Alfredo, chegando, mais à frente, as idas ao Cinema Olympia, inaugurado em 1912, somente para citar alguns importantes exemplos.

Essa nova economia que se configurou nas últimas décadas do século XIX atraiu figuras intelectuais de importância, como o maranhense João Affonso do Nascimento, que, nos anos 1920, lançou em Belém o livro *Três séculos de modas*. Chegou em Belém

em 1881 e lá construiu uma carreira de prestígio em meio a jornais locais e de sua vizinha, Manaus, onde também residiu – duas cidades geograficamente distantes, mas bem unidas quanto ao tipo de investimento que foi proporcionado a elas durante o período.

Entre maio de 1883 e abril de 1884, João Affonso publicou em Belém o periódico *A Vida Paraense*, que retratava muitos dos hábitos da cidade de Belém por meio de suas caricaturas, mostrando as transformações urbanas pelas quais a cidade começara a passar e as relações sociais que nela se estabeleciam, destacando, por exemplo, os hábitos europeus da moda das classes mais abastadas, a relação da cidade miscigenada com a cultura indígena, devido a presença dos escravos. João Affonso foi um dos defensores da abolição.

Na transição para o século XX, com o constante crescimento das exportações e os investimentos recebidos pelo espaço urbano, segundo observação de Sarges (2002, p. 163), "o cenário central da cidade vai ser transformado em espaço elegante e chique, por onde deveria desfilar a burguesia exibindo seu poder, luxo e riqueza".

Ruas como João Alfredo e Santo Antônio ganharam calçadas de mármore. Nesses espaços, vinham se erguendo, desde a segunda metade do século XIX, os símbolos desse sonho inalcançável de transformar Belém em uma Paris nos Trópicos, como os bondes elétricos, que foram instalados em 1905 na cidade.

Inspirada no modelo urbano que se instalava na capital francesa, durante a administração de Antonio Lemos (1897-1912), a cidade de Belém começou a mudar suas vias, alterando o aspecto arquitetônico da cidade. Foram decretados Códigos de Conduta que ordenavam a vida em sociedade.

Belém teria, por exemplo, durante seu apogeu, sua própria Bolsa de Valores, e dentro desse prisma econômico, os magazines que comercializavam os itens da moda também se desenvolveram de forma imponente – entre eles, o símbolo dessa fantasia europeia: a loja Paris N'América.

Ao andar pela Rua João Alfredo no despertar do século XX, clientes deparavam-se com lojas como A Formosa Paraense, inaugurada em 1864, e outras, como o Bazar Parisiense, Leão do Norte ou Louvre. Bem no começo da Rua Santo Antônio, ergueu-se imponente a loja Paris N'América.

Com fachada inspirada na Galeries Lafayette, em um ambiente com escadaria central de ferro importada, azulejos portugueses, lustres de cristal, vitrinas e um elevador interno, essa loja se estabeleceu como centro de consumo da alta elite paraense feminina, que participava de um conjunto de eventos sociais, como recitais e festas.

O projeto de modificação de Belém foi bastante ambicioso, e pioneiro no país, segundo autores como Sarges (2002). Outro importante escritor, Euclides da Cunha, que chegaria a chamar a Amazônia de uma "terra sem história", dá a exata medida do cenário que encontrou na passagem por Belém em 1904:

(...) Passei ali hora inolvidáveis – nunca esquecerei a surpresa que me causou aquela cidade. Nunca São Paulo e Rio de Janeiro terão as suas avenidas monumentais, largas de 40 metros e sombreadas de filas sucessivas de árvores enormes. Não se imagina no resto do Brasil o que é a cidade de Belém, com os seus edifícios desmesurados, as suas praças incomparáveis e com a sua gente de hábitos europeus, cavalheira e generosa. Foi a maior surpresa de toda a viagem (CUNHA citado por RIBEIRO, 2006, p. 155).

Segundo o viajante Lange (1914, p. 374-377), o homem de Belém, "nos trejeitos, é tipicamente francês, ou pelo menos, ele deseja ser", e no campo feminino não seria diferente, já que "as modas parisienses estão em alta, e costureiros franceses têm uma boa vida no Pará e Manaus".

No campo da moda, a influência das novidades internacionais, às vezes não tão atualizadas assim como poderiam parecer, chegam a criar um quadro exótico, ao olhar do estrangeiro, mas muito perseguido pelos homens paraenses. O cônsul americano Kerbey (1911, p. 81-82), por exemplo, relata que "um costume estranho que primeiro atrai a atenção de um turista de um clima mais frio é que o paraense de melhor classe, homens de negócios, lojistas, caixeiros e talvez uma maioria dos cavalheiros usam calças e casacos de tecido preto".

Apesar de Kerbey (1911, p. 82) afirmar que "alguns brasileiros de gosto mais cultivado e independente, assim como alguns estrangeiros, se vestem em linho branco todos os dias do ano", de acordo com Lange (1914, p. 377), "meu bem vestido paletó e chapéu cáqui nunca serviriam completamente o paraense exigente, que ao que parece, julga um homem pelo corte das roupas que ele está usando".

Assim, ao chegar a sua *Belle Époque*, a sociedade paraense estava dividida – de um lado, homens e mulheres em trajes da moda, em tons escuros, que negavam uma identidade anterior e sua própria realidade climática; de outro, a realidade de ex-escravos, ribeirinhos e trabalhadores, que pouco vivenciavam aquele sonho.

Nas palavras de Nunes e Hatoum (2006), dentro desse "sonho utópico ou uma utopia sonhada" pelos habitantes de Belém, no qual as elites de Belém existiam entre símbolos da cultura europeia, Antônio Lemos deixou uma organização urbana de ruas e avenidas na região central que ainda funciona em plena Belém do século XXI, e pela cidade grandes edificações e residências mantêm viva a história de um período que deixou um grande legado construído por uma geração intelectual que, mesmo atenta às teorias e estilos europeus, também desenvolveu uma produção intelectual e artística voltada à cultura local, influência que deixaria emanações por todo o século XX.

Perto dos trezentos anos de fundação da cidade, uma comissão de intelectuais realizou uma série de ações em torno da criação de obras literárias e artísticas que pudessem construir uma identidade para uma cidade trisecular. Entre eles o maranhense João Affonso, que já residia em Belém havia mais de quinze anos, e o artista Theodoro Braga, que apresentou em 1908, sob encomenda de Lemos, o quadro sobre a Fundação da Cidade de Belém, instaurando uma espécie de retorno às identidades históricas da cidade.

Para Figueiredo (2001, p. 103), "várias foram as dimensões do passado esquadrinhadas por jornalistas, literatos e homens de letras", e aqui nos interessa destacar o livro de Affonso (1976), lançado somente em 1923, ou seja, seis anos após o tricentenário da cidade, mas apresentado em 1917 com uma exposição de 56 ilustrações criadas pelo próprio autor que comporiam o livro anos depois.

A obra de Affonso (1976) faz um percurso pelas mudanças da moda, de origem francesa e inglesa, entre os anos de 1616 e 1916, e é, sem dúvida, um tributo à "fantasia de uma cultura franco-inglesa universal" (NEEDELL, 1988).

Affonso (1976) registra, com desenhos e descrições, um grupo de "modas" locais, "typos" femininos que transitaram no final do século XIX pelas ruas de São Luís, sua cidade natal, e Belém, a cidade onde viveu até sua morte, em 1924, um ano após a publicação do livro.

A "Mulata Paraense" que Affonso (1976) desenha nas páginas de *Três séculos de modas* é a antítese da figura da mulher que usa preto como representante de uma cultura de elite que absorveu costumes europeus, pois a mulata e seus trajes brancos, suas flores, remetem a uma identidade de formação colonial, mas que nem por isso ficou estagnada no tempo.

Em 1868, em matéria de *Diário do Gram-Pará*, é citado que durante o Cirio de Nazaré, enquanto as senhoritas da alta sociedade traziam o que havia de mais chique na moda parisiense, "(...) a mulata desfilava com seu corpete decotado, cobrindo os ombros com um lenço e vestindo uma saia que batia nos tornozelos" (MONTARROYOS, 1992, p. 65-67).

Essa mulata vestia-se de forma muito semelhante à vista pelas ruas, em 1885, por Affonso (1976), que, com descrição mais detalhada, nos mostra como o vestuário pode comunicar a cultura de um povo, no caso da mulata, por suas flores no cabelo, o perfume das raízes locais, a sombrinha que protege do sol, as joias e figas que demonstravam a fé, entre outros elementos.

Segundo Barthes (2005, p. 261), "geograficamente, as histórias da indumentária não tiram proveito de uma lei estabelecida por folcloristas para os fatos do folclore: todo sistema indumentário é regional ou internacional, nunca nacional", mas no caso do trabalho de Affonso (1976), que se demonstra em outros momentos de sua carreira também, o autor segue essa lei, estabelecendo a moda como um fenômeno internacional, mas abrindo espaço para um modo de vestir regional que está diretamente ligado à cultura amazônica em si.

Foi essa cultura amazônica, que está pautada nas florestas, nos barcos, no misticismo da região, entre outras coisas, em relação direta com a cultura urbana, de

origem colonizadora, europeia, o que formou a própria cidade de Belém, por onde transitava essa mulata paraense, uma de suas figuras mais representativas.

É essa percepção do outro – seja pelo viajante, como de certa forma João Affonso foi, seja pelo próprio local – que torna a cultura local, que se desdobra nos modos de vestir dos habitantes, um objeto de estudo que ajuda a reconstituir uma história, constituindo também uma memória cultural. Essa cultura que perpassa pelas ruas da própria cidade de Belém, reconstituída aqui por meio de relatos históricos, continua viva até os dias hoje, no cenário do centro da cidade e no próprio movimento que esse espaço na Amazônia continua a ocupar.

Se falamos aqui somente de Belém do Pará, não foi por um acaso, e sim por seu isolamento e sua posição como um espaço “cêntrico” – entre a floresta e a cidade, a Europa e a Amazônia, a Amazônia e o Brasil –, que lhe atribuíram um percurso bastante peculiar e rico (NUNES; HATOUM, 2006).

Muito foi escrito, mas muito pouco foi dito, pois ainda poderiam ser citadas as fábricas locais que surgiram a partir do século XX, os novos espaços e hábitos de lazer da sociedade, as mudanças que a religião conferiu aos modos de vestir dos habitantes, até as próprias mudanças geográficas do comércio de moda na cidade, mas isso só nos comprova quanto há a ser explorado pelos olhares de historiadores, pesquisadores, viajantes e, porque não, estilistas.

Compreendemos aqui, particularmente, o modo de vestir dos seus habitantes, como uma forma de homenagem à historiografia da moda apresentada por João Affonso, que continua inspirando essas e outras pesquisas.

Seja apelidada como “Liverpool Tropical”, por seus itinerários diários de navio, como a cidade inglesa no século XIX, “Paris nos Trópicos”, por seu sonho de se tornar uma capital da elegância, “Cidade Morena”, pela pele de suas mulheres, ou “Cidade das Mangueiras”, pelos corredores de árvores plantadas por Antônio Lemos, essa Belém do Pará, como seus habitantes gostam de chamá-la, completa quatrocentos anos com diversos problemas, como muitas das cidades brasileiras, mas mantém-se como testemunho vivo de sua história por meio de locais como a Rua João Alfredo e sua Paris N’América, o Theatro da Paz e o Cinema Olympia, e espaços em movimento, como o Círio de Nazaré, que ainda são “passarelas” para os modos de vestir dos paraenses e de sua história.

REFERÊNCIAS

- AFFONSO, João. *Três séculos de modas*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1976.
- BARATA, Manuel de Mello Cardoso. Fatos paraenses: as primeiras ruas de Belém. *Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1915.
- BARTHES, Roland. *Inéditos*, vol. 3: imagem e moda. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BRAGA, João; PRADO, Luís André do. *História da moda no Brasil: das influências às autorreferências*. São Paulo: Pyxis, 2011.
- COELHO, Geraldo Mártires. *Nos passos de Clío: peregrinando pela Amazônia Colonial*. Belém: Estudos Amazônicos, 2012.
- COIMBRA, Oswaldo. *A saga dos primeiros construtores de Belém*. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- CRUZ, Ernesto. *História de Belém*. Belém: UFPA, 1973. 2 v.
- EDWARDS, William H. *A voyage up the river Amazon including a residence at Para*. Londres: John Murray, 1847.
- FIGUEIREDO, Aldrin. *Eternos modernos: uma história social da arte da literatura na Amazônia, 1908-1929*. Campinas, 2001. Tese (Doutorado em História). Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas.
- KERBEY, J. Orton. *An american consul in Amazonia*. Nova Iorque: W. E. Rudge, 1911.
- LANGE, Algot. *The lower Amazon*. Nova Iorque: G. P. Putman's Sons, 1914.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- MONTARROYOS, Heraldo. *Festas profanas e alegrias ruidosas: a imprensa no Círio*. Belém: Falangola, 1992.
- MOURÃO, Leila. *Memória da indústria paraense*. Belém: Federação das Indústrias do Pará/SESI/SENAI/IDEPAR/IEL, 1989.
- NEEDEL, Jeffrey. A ascensão do fetichismo consumista. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 3, n. 8, p. 39-58, out. 1988.
- NUNES, Benedito; HATOUM, Milton. *Crônica de duas cidades: Belém e Manaus*. Belém: Secult, 2006.
- RIBEIRO, Fabrício Leonardo. *Cartas da Selva: algumas impressões de Euclides da Cunha acerca da Amazônia*. *História: Questões & Debates*, Curitiba: UFPR, n. 44, p. 147-162, 2006.
- SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2002.
- WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelos rios Amazonas e Negro*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1979.
- WARREN, John Esaias. *Scenes and adventures on the banks of the Amazon*. Nova Iorque: G. P. Putnam, 1851.